

O TRÁFICO DE ARMAS, AS BALAS PERDIDAS E O PROBLEMA DAS ARMAS DE FOGO EM MÃOS ERRADAS

Vinicius D. Cavalcante, CPP o autor colaborou por anos com atividade de inteligência de armas de fogo na Subsecretaria de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro e é Diretor Regional da Associação Brasileira de Profissionais de Segurança – ABSEG (www.abseg.org.br)

vdcsecurity@hotmail.com

Semana após semana, somos contrapostos a casos de disparos erráticos, cujos projéteis atingem inocentes, muitas vezes de forma letal. Quer por erros de execução nos tiros de agentes públicos cujo treinamento é ruim ou pela irresponsabilidade de criminosos que atiram com poderoso armamento militar de procedência clandestina, sem se preocupar com quem pode ser atingido por seus poderosos e penetrantes projéteis, é fato que o temor de vir a tornar-se um alvo está muito presente na vida dos cidadãos fluminenses, notadamente daqueles que vivem em áreas conflagradas, onde as forças de segurança buscam diariamente negar aos criminosos o exercício de seu poder paralelo.



A destruição no cenário de uma viela comunidade do Rio de Janeiro dá a mostra da intensidade do combate entre criminosos e do poder de fogo amealhado por eles. (foto veiculada nas redes sociais em 2018)

O TRÁFICO DE ARMAS

O emprego de fuzis pela criminalidade fluminense remonta aos idos de 1990, quando as temíveis submetralhadoras Uzi e Ingram começaram a ser substituídas pelos fuzis AR-15 novos, que vinham contrabandeados de Miami e eram empregados no assalto a carros fortes. A munição de 5,56x45 perfurava facilmente a proteção dos blindados de transporte de valores da época. Posteriormente começaram a surgir fuzis AK-47 de diversas procedências, novos e

de segunda mão, inclusive modelos soviéticos, alemães orientais, húngaros, búlgaros, bem como uma grande quantidade de armas de fabricação chinesa recente, da empresa NORINCO.

Quem primeiro empregou fuzis automáticos em quantidade foram os criminosos. Em 1990 a Polícia Militar do Rio apenas dispunha de antigos fuzis Mauser de ferrolho e foi devido a presença de armas militares modernas em poder dos criminosos que se começou a dotá-la de pequenas quantidades de fuzis FAL e Para-Fal (esses últimos no convertidos para o calibre 5,56x45mm do AR-15), em substituição às antigas submetralhadoras INA e espingardas de repetição no calibre 12. No início dos anos 90 apenas o BOPE dispunha de modernos fuzis G-3, metralhadoras HK-21 e submetralhadoras HK MP-5, assim mesmo em quantidades muito reduzidas.

Com propósito narrativo ou didático, poder-se-á dizer que o abastecimento de armas para nossa criminalidade e se processa por ondas, onde armas novas, de diferentes modelos, advindas do contrabando se alternavam com outras armas de segunda mão.

O Rio de Janeiro já teve um expressivo derrame de armas militares argentinas, inclusive de fuzis FAL (fabricados no país vizinho), submetralhadoras FMK-3, metralhadoras médias MAG e granadas de mão FMK-2, que, suspeita-se, sejam oriundas do escândalo das exportações irregulares da era Menem.

A apreensão no morro Dona Marta do primeiro fuzil suíço SIG-510, em outubro de 2007, permitiu desvendar a origem de muito do antigo armamento militar, sobretudo o de procedência tcheca (metralhadoras médias ZB-ZV) e americana (fuzis Garand, Fuzis-Metralhadores BAR e metralhadoras médias e pesadas Browning) que vinha sendo encontrado nas favelas Cariocas. As armas bolivianas provinham do assalto aos arsenais do exército e da marinha boliviana, os quais teriam sido roubados para armar milícias contrárias ao Presidente Evo Morales. Certamente que, depois, raciocinaram que era mais lucrativo vender essas armas aos bandidos brasileiros do que empreender uma fraticida guerra civil; e assim foi feito. A quantidade desses armamentos (com suas respectivas munições) arrecadada na ocupação do Complexo da Penha, do Alemão, bem como na Rocinha, era simplesmente impressionante e poderia, facilmente, equipar uma grande unidade militar.



Armas excedentes das Forças Armadas Bolivianas robusteceram os arsenais dos narcotraficantes no Rio de Janeiro e foram capturadas em quantidade quando das operações no Complexo do Alemão e na Rocinha. Apreensão de armas no Morro D. Marta, primeiro indício da famosa “Conexão Boliviana”

Um dos pressupostos essenciais da Pacificação levada a cabo nas favelas cariocas era a retirada de circulação dos fuzis, e o tráfico inicialmente retraiu em seu emprego nas áreas de UPP. É verdade também que as ocupações de vasculhamento permitiram a captura de muitas armas, mas a verdade é que as armas longas deixaram de ser ostentadas nas áreas ocupadas, pelo menos durante um bom tempo. Posteriormente, no início de 2014 a criminalidade percebeu a precariedade das ocupações (afinal, era facilmente perceptível que se havia assumido mais ocupações do que o efetivo policial permitia) e mudou sua tática de enfrentamento, levando para as comunidades pistolas convertidas para dispararem em regime de fogo automático (como submetralhadoras), com carregadores de grande capacidade e uma extrema facilidade de portar e esconder. Ressalte-se que a criminalidade não eliminou o fuzil apenas privilegiando o emprego de armas mais compactas, capazes de gerar um enorme volume de fogo em combates aproximados, sobretudo em áreas densamente edificadas e povoadas. A ideia de resistir com armas curtas trazia em si uma maldade, forçando (sobretudo as Forças Armadas) a reagirem com disparos de fuzis, os criminosos colocavam as forças de segurança num claro antagonismo com a população e as sujeitavam a responder pela autoria de quaisquer danos colaterais, resultantes dos disparos que, normalmente, quase nunca são responsabilizados aos criminosos.



Pistolas convertidas para fogo automático já vinham sendo capturadas em pequenas quantidades os idos de 2000; contudo a quantidade dessas armas multiplicou-se a partir de 2014.

Uma outra medida, decorrente do desejo de melhor enfrentar as forças de segurança nas áreas de ocupações foi a introdução de diferentes versões de cano encurtado do fuzil AK-47, algumas vezes até com a retirada de suas coronhas (fixas ou rebatíveis) para facilitar o manuseio em áreas edificadas e com restrições de espaço, para os criminosos poderem se posicionar e disparar. Mesmo com a capacidade de disparar com precisão comprometida, os criminosos ainda conservaram a capacidade de gerar um enorme volume de disparos dos projéteis altamente letais do calibre 7,62 “russo”, literalmente impedindo as progressões da

polícia em algumas áreas de favela, salvo quando com a cobertura de helicópteros ou a proteção de blindados.

O uso fuzil sempre foi uma opção tática preferida dos criminosos fluminenses do que de seus congêneres paulistas, os quais preferiram as submetralhadoras, a ponto de investir na produção local clandestina de diversos modelos de armas bem construídas e eficazes. No Rio, uma curiosidade é que, em vários momentos, diferentes facções criminosas chegaram a ser abastecidas fuzis e outros equipamentos militares por um único grande fornecedor, sendo notável que, algumas vezes, criminosos dispendessem muito dinheiro para comprar armas defeituosas e que não sabiam operar, apenas para que esse armamento não viesse a cair em mão adversárias.

O crime no Rio de Janeiro foi o precursor no emprego dos modernos fuzis automáticos, os quais ainda demoraram algum tempo para chegar aos criminosos nas demais unidades da federação. Hoje os fuzis são o principal responsável pelas funestas características de letalidade e violência da nossa guerra urbana e não seria exagero dizer que devemos ser o local do país em que maiores quantidades dessas armas (novas, antigas, compradas de segunda-mão ou capturadas de forças de segurança) se encontram nas mãos de criminosos. Aqui os fuzis são empregados indiscriminadamente por criminosos que despreocupados com a precisão de seus disparos, geram “balas perdidas” que podem ser extremamente letais em distâncias de 2km...

AS BALAS PERDIDAS

As chamadas “balas perdidas” vem sendo responsáveis por inúmeras tragédias e convenhamos, é difícil precisar quando elas deixarão de fazer parte de nossa realidade, sobretudo no Rio de Janeiro. Embora seria um exagero afirmar que antes as coisas estivessem mais ou menos sob o controle, possuíamos uma inteligência centrada na Delegacia de Repressão a Armas e Explosivos (DRAE) e na Subsecretaria de Inteligência de Segurança Pública que combatia o tráfico de armas e mantinha os criminosos sempre na defensiva. No final dos anos 2000, ao sucatear a pouca inteligência que tínhamos na repressão ao tráfico de armas de fogo, infelizmente, o governo estadual permitiu aos criminosos amealharem uma enorme quantidade de armas modernas – fuzis, pistolas, submetralhadoras, metralhadoras médias e pesadas, fuzis anti-material de calibre .50” – com as quais eles incrementaram a defesa seus domínios e seus negócios de tráfico, roubo, receptação e venda de produtos de procedência criminosa, sobretudo contra a ameaça de outros criminosos concorrentes. Armas passaram a ser contrabandeadas com muito mais liberdade, sendo trazidas em grande quantidade, disfarçadas até em cargas transportadas em aviões! Isso fez com que não seja exagero estimar que o Rio de Janeiro deve ser hoje a cidade com maior quantidade de armamento militar nas mãos de criminosos. Para esses narcotraficantes que nunca estiveram tão bem armados, qualquer coisa ou pessoa se tornam alvos legítimos. Os criminosos atiram sem critério! E por vezes, não tem o menor escrúpulo em atingir inocentes desarmados sobretudo quando isso puder favorecê-los, desviando policiais para prestar socorro às vítimas ou em situações onde os disparos possam ser imputados aos policiais através de um clamor popular orquestrado. Enquanto foras-da-lei que são, não há nada que lhes restrinja a liberdade de atirar a esmo, quer para comemorar algo ou apenas para intimidar ou infundir o terror a população que vive sob seu domínio.

A GUERRA DO RIO: Segundo delegado, bando está acuado

Gravação mostra traficante mandando atingir morador

Bandidos querem culpar a polícia por balas perdidas

• Uma conversa captada ontem de manhã pela equipe da Rádio CBN, por meio de um radiotransmissor, confirma a informação recebida pela polícia de que traficantes da Vila Cruzeiro estariam atirando contra moradores para pôr a culpa em PMs. "Pô, carpaê, atira mesmo nos moradores, porque tem um morador é bala perdida", diz um homem que seria traficante.

O delegado titular da 22ª DP (Penha), Alcides Justino, confirmou ontem à noite que já havia recebido informações de que os traficantes vêm atacando os moradores,

para pôr a população contra os policiais.

— Eles estão acuadaos pelo cerco que foi montado na favela. E estão desesperados porque já não conseguem mais controlar a comunidade. Nós vemos que querem obrigar a população a fazer manifestações contra a polícia, mas que não conseguiram mobilizar ninguém. Os moradores não querem ficar do lado dos traficantes. Eles estão do lado do bem — disse o delegado.

O coronel Ubiratan Ângelo, comandante-geral da Polícia Militar, disse que o serviço de inteligência também tem a in-

formação de que traficantes estão utilizando os moradores para forçar o fim das operações na favela. Segundo ele, os bandidos estão impondo o terror na comunidade. Uma das provas seria a falta de apoio dos moradores aos criminosos. Apesar do grande número de feridos nos confrontos, houve apenas um protesto contra a violência, mas os manifestantes não foram acusados contra a polícia, como costuma acontecer. Desde que a polícia começou a ocupar a Vila Cruzeiro, há nove dias, balas perdidas feriram 27 inocentes e mataram um. ■

Embora seja algo que o grande público ignore, criminosos não hesitam em disparar contra inocentes, se isso puder ser capitalizado em seu favor, imputando culpa às forças de segurança.



Projéteis de fuzis podem viajar por grandes distâncias, conservando ainda muita energia e com a letalidade associada às partes do corpo das vítimas que conseguem atingir.



O sucateamento da estrutura de inteligência e relaxamento na repressão à tal modalidade de crime permitiram aos criminosos manter um grande fluxo de armas trazidas pelo modal de carga aeronáutico, disfarçando-as em aquecedores de piscina. Os aquecedores de Piscina ao Raio-X mostrando os fuzis em seu interior (Fotos de Divulgação Governo do Estado do Rio de Janeiro)

Ao disparar para o alto numa comemoração eles arremessam projéteis que perderão velocidade paulatinamente, a partir do momento que deixam o cano da arma. A ação da gravidade e o atrito com a atmosfera desacelerarão a bala que, após atingir um ponto máximo, vai percorrer uma trajetória de retorno, onde será acelerada pela própria força da gravidade incidindo sobre o seu peso. Via de regra, ela vai atingir o solo muito longe de onde foi disparada, com uma velocidade média de aproximadamente um terço da velocidade com que deixou a boca do cano da arma. É isso é mais do que suficiente para danificar um telhado, transpassar uma vidraça, perfurar uma caixa d'água ou machucar alguém. Um projétil de ogival de pistola 9mm, viajando em trajetória descendente a 200km/h pode perfeitamente vitimar uma pessoa, se o atingir na cabeça ou em outro ponto letal.

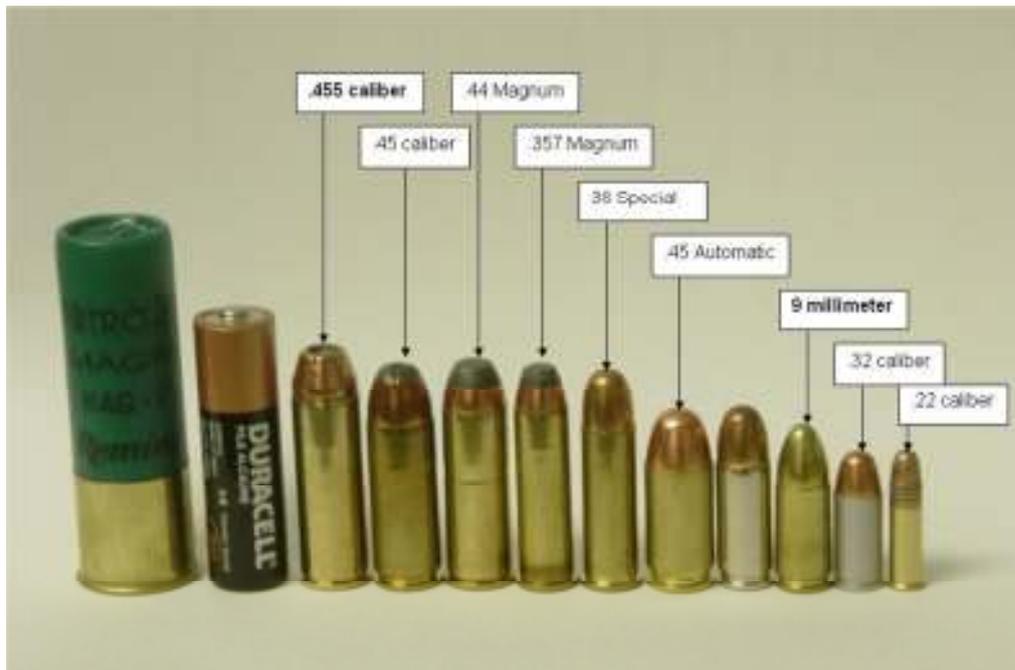
Para sorte das Forças de Segurança, não existe, de parte dos criminosos, um esforço sistemático para melhorar o treinamento de seus quadros; contudo, mesmo não tendo a qualificação técnica que lhes permita tirar o melhor proveito de armas novas, e customizadas, com trilhos Piccattiny, miras holográficas, lunetas, bipés, carregadores de grande capacidade e boas munições, os nossos criminosos fluminenses ainda dispõe de um considerável poder de fogo e seus tiros podem atingir distâncias surpreendentes.

Vejam a tabela simplificada de alcances máximos, considerando projéteis ogivais:

<i>Calibre da Munição</i>	<i>Tipo da arma que o emprega</i>	<i>Alcance máximo que o projétil pode atingir</i>
.22 LR	Rifles e Carabinas de cano <16”	1.500m
.32 S&W L	Revólveres, muito disseminados no Brasil entre a população civil	1.300m
.32 Auto (7,65x17mm)	Pistolas Beretta, Taurus, CZ, FN, Colt e Steyer, muito comercializadas para civis até 1987, quando liberaram o calibre .380 Auto para uso civil.	1.300m
.38 SPL	O calibre mais difundido para armas civis no Brasil, Usado em revólveres, ainda é empregado maciçamente na segurança privada.	1.600m (disparos de revolveres)
.380 Auto (9mm Curto, 9x18mm))	Pistolas Taurus, Imbel, Bersa e CZ	1.000m
.40 S&W	Pistolas Taurus de diferentes modelos, empregadas pelas forças de segurança em todas as unidades da federação. Carabinas e Submetralhadoras Taurus.	1.500m (disparos de pistolas)
9x19mm (9mm Parabellum)	Pistolas Browning, Beretta, Taurus, Imbel, Glock, SIG, bem como outros modelos fabricadas na Turquia e Balcãs; Submetralhadoras UZI, Hk MP-5, Beretta, Intratec e INA	1.700m (disparos de pistolas)
.45 ACP	Pistolas Colt Mod 1911 e derivadas, Imbel Taurus, Glock, SIG e antigos revólveres militares S&W	1.500m(disparos de pistolas)
.233 Remington (5,56x45mm)	Fuzis AR-15/M16, Colt M-4, Rugger Mini-14, Galil, SIG-550, HK-33, HK-416, FN SCAR, Steyr AUG	2.100m
7x57mm (7mm Mauser)	Antigos Fuzis de ferrolho, tipo Mosquetão e metralhadoras antigas	4.300m
7,62x39mm (7,62 Russian)	Fuzis AK-47 em diferentes versões	1.600m
7,62x51mm (7,62 NATO)	Fuzis FAL da FN, Fuzis G-3 e HK-417 da HK, Fuzis AR-10, AR-18, SIG-510, CTME, M14	4.000m
7,62x63mm (.30-06 Springfield)	Fuzis Garand, Fuzis-Metralhadores BAR, Metralhadoras Browning refrigeradas a ar e a água	3.185m
.50 Browning (12,7x99mm)	Metralhadoras pesadas empregadas em tripés e veículos, bem como em Fuzis Anti-material Barret e similares.	6.000m

OBS.: Diferentes fatores influenciam a distância a que um projétil pode atingir e variam desde o tipo de pólvora propelente, seu estado de conservação, o comprimento dos canos de que são disparados, angulação, a existência de ventos e sua relação com a trajetória etc. Quando falamos em alcances máximos estamos pressupondo disparos cuja inclinação dos canos seja de aproximadamente 45°. Os alcances

explicitados não são se referem à distâncias em que os atiradores visualizam seus alvos e os atingem com precisão e energia; mas sim, uma média das distâncias que seus tiros (com as referidas armas) podem chegar e que, dependendo da natureza do alvo e do local nele atingido, ainda podem ocasionar sérios danos.



Diferentes calibres de munições para armas curtas e fuzis

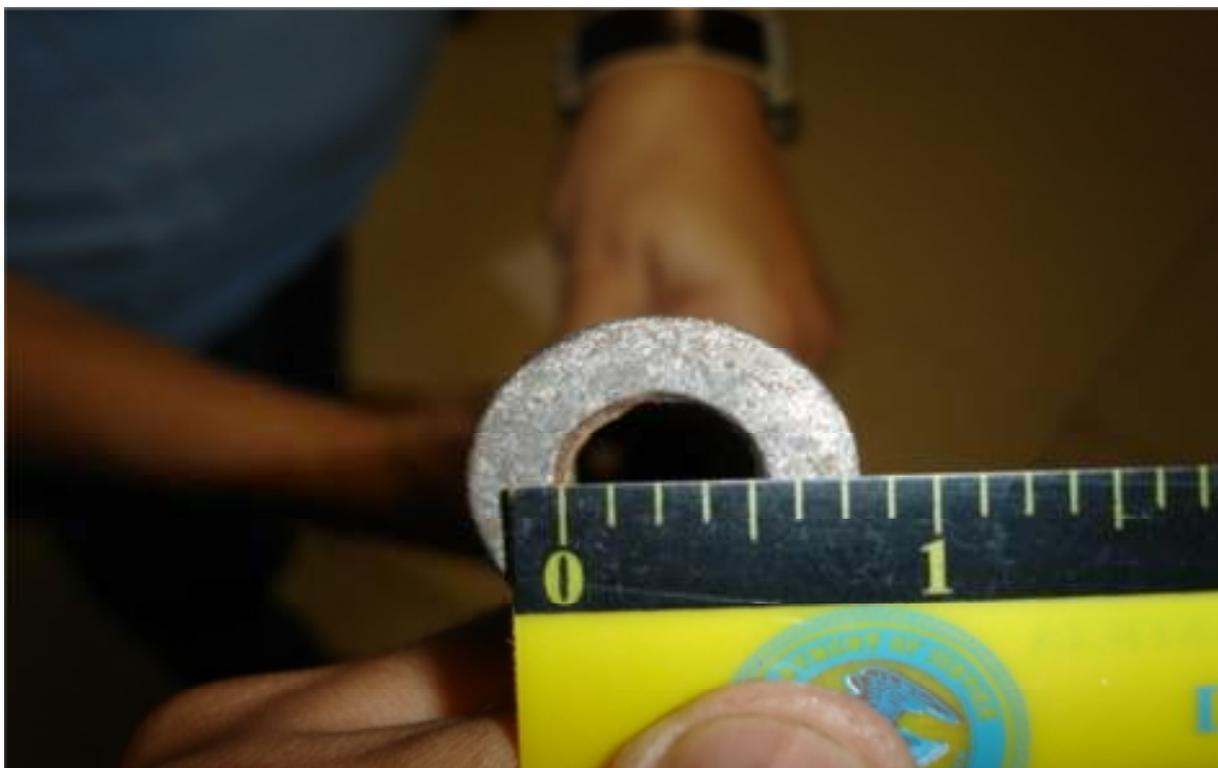


Da Esquerda para a Direita: Munição .50" (12,5x99) , .30-06 (7,62x63), .30 NATO (7,62x51), 7,62 Russo (7,62x39), .223 Remington (5,56x45) e .22LR

Embora acadêmicos e violenciólogos critiquem com veemência o emprego de fuzis nas áreas urbanas pelas forças policiais, é importante reiterar que as polícias no Rio de Janeiro só começaram a ser equipadas com fuzis automáticos no início dos anos 90, em resposta a uma alarmante introdução de fuzis AR-15 nas mãos dos criminosos.

Estudiosos, políticos e militantes de Direitos Humanos defendem que a polícia deva despojar-se de seus fuzis na crença de que isso poderá abrandar a intensidade dos combates na esfera da segurança pública; contudo eu não consigo compartilhar dessa ideia que, para este autor tem mais apelo romântico do que prático. A questão é simples: quanto mais armas, mais poder para o grupo ou facção narcotraficante, que terá seu negócio melhor defendido, tanto contra a ação de grupos rivais, quanto contra às forças de segurança do Estado. Mais armas de guerra também aumentam o poder de intimidação sobre as populações nas áreas sob seu domínio. Quem quer que haja se acostumado a transgredir a lei de forma arbitrária e tão violenta, empregando um armamento excepcionalmente poderoso e que, no exterior, é apenas usado em guerras, não vai abrir mão desse instrumento que alicerça o seu poder sobre os destinos de terceiros assim altruisticamente. Da mesma forma que em todas as campanhas de recolhimento de armas de fogo, jamais criminosos compareceram para entregar seus fuzis ou metralhadoras, não é sensato esperar que os criminosos resolvam, por si próprios, apiedar-se da sociedade que eles predam ou demonstrar pendores humanísticos que simplesmente inexistem em seu ramo de negócio.





Utilizando um cano de metralhadora Browning .50”, algum armeiro habilidoso produziu para criminosos o primeiro fuzil anti-material funcional, capturado no Rio de Janeiro.

Hoje o Estado volta a focar nas armas e temos conseguido inúmeras apreensões bem sucedidas; mas o problema é que os criminosos possuem armas demais! Seria uma injustiça dizer que as polícias no Rio de Janeiro não estão fazendo sua parte para tentar retirar as armas das mãos dos criminosos. Até outubro de 2019, as polícias fluminenses apreenderam 7.215 armas de fogo - média de 24 armas retiradas das ruas por dia – e desse total, 468 eram fuzis.

Por mais que se empregue os recursos da Inteligência, nem sempre se consegue amear informações privilegiadas ou dados que permitam apreensões de grande quantidade de armas e munições, sem que os mal feitores consigam reagir. Infelizmente a criminalidade por vezes decide se vender caro, e essas apreensões só são obtidas após combates em que cidadãos inocentes também acabam sendo vitimados por tiros.

E não adianta esconder: o treinamento de nossos policiais é francamente deficiente. Embora recentemente a intervenção Federal haja concorrido para tentar melhorar o treinamento de tiro dos policiais, a verdade é que nossos profissionais, diferentemente de seus congêneres nos Estados Unidos, atiram muito menos em treinamento do que nas situações reais, e isso, logicamente, vai trazer uma correspondência de baixas entre inocentes também geradas por disparos de policiais.



Determinar a origem de um disparo requer cálculos complexos e nem sempre pode ser apontado com 100% de precisão. Por vezes, o melhor que se pode dizer é que “teria vindo de tal área”...

Ressalte-se que, se não é fácil ser policial no Brasil, mas difícil ainda é sê-lo no Rio de Janeiro, onde os criminosos bem armados não demonstram a menor hesitação em intentar contra a vida dos policiais. O grande quantitativo de policiais baleados em serviço em nada concorre para amenizar o quadro de conflito. Enfrentando criminosos fortemente armados, com farta quantidade de munição e que muitas vezes ocupam posições de tiro privilegiadas, em elevações, protegidas e muito camufladas, é comum que os policiais se vejam psicologicamente pressionados por abandonar restritivas regras de engajamento e acabem efetuando mais disparos do que os estritamente necessários. Há casos em que policiais “atiram primeiro para perguntar depois” e não raramente se veem forçados a tentar justificar e legitimar uma situação em que agiram de forma descontrolada e ao completo arrepio da boa técnica. A sociedade, que de forma draconiana condena a imperícia dos policiais, dificilmente teria a coragem de assumir as missões desses seus agentes de autoridade, tamanhas as dificuldades, os riscos e as limitações que tais categorias profissionais enfrentam no seu cotidiano. Analisar friamente, distante do cenário de confrontação, falar e cobrar sempre serão mais fáceis do que ter de proporcionar o dispendioso treinamento, os meios adequados de trabalho ou de assumir decisões em frações de segundo, arriscado sua vida e a de terceiros em meio a uma troca de tiros.

Quando eu estava finalizando esse texto, tomamos conhecimento de que, numa favela do Rio, um menino de 11 anos, enquanto brincava na porta de casa, foi vitimado por um “disparo acidental” de um outro adolescente, que, aliciado pelo tráfico há pouco tempo, “brincava” com uma pistola quando a mesma disparou e atingiu o inocente. Segundo informações veiculadas na comunidade, o próprio tráfico teria se encarregado de executar o menor autor do disparo, mas isso, convenhamos, não vai restituir a vida da criança assassinada. Melhor seria se não houvessem criminosamente posto uma arma nas mãos de um adolescente irresponsável e destreinado. Enquanto que o Estado apõe uma enorme burocracia para que menores, acompanhados de seus responsáveis e de instrutores habilitados possam praticar o tiro desportivo, os traficantes lançam mão de “soldados” cada vez mais novos, apostando em sua audácia e na vontade de galgar o reconhecimento no âmbito das respectivas quadrilhas e facções.

Infelizmente, aqui no Brasil parece que se pretende facilitar a vida dos criminosos ao invés de dificultá-la. O STF, em função dos riscos da pandemia do COVID 19, humanitariamente permitiu a saída de milhares de presos dos presídios. Muitos desses vieram pra rua para reincidir em seus delitos e certamente não voltarão para as cadeias. Não fosse esquisito o fato de que estamos prendendo cidadãos que, por não aguentar os dias de confinamento, vão para as praias, nos libertamos aqueles que já atentaram contra o patrimônio, a liberdade e a vida desses mesmos cidadãos que encarceramos. Trabalho dobrado para a Polícia... Além disso o mesmo STF proíbe, sob alegação de tentar proteger as vidas de inocentes, as operações policiais em comunidades durante o período de confinamento do COVID 19. Embora cheio de boas intenções o STF, na prática, só vai concorrer para o robustecimento do controle criminoso sobre aquelas áreas, que o narcocrime tem como seus territórios. E pior, imagine que isso tudo acontecendo num momento que se teria informações de que os criminosos estão recompondo seus estoques de armamento e munição... Armas, munições e os seus amigos que custaram a ser presos mas que foram providencialmente postos na rua pela benevolência de nossos juízes...

Na opinião deste articulista, não há perspectiva de que esse quadro venha a se modificar positivamente num curto prazo. Conquanto os policiais possam ser melhor treinados e conscientizados acerca de quando e como devam proceder em suas operações e disparar suas armas, os criminosos certamente não se deterão enquanto puderem dispor, em suas mãos, desses poderosos armamentos e de seus generosos suprimentos de munição. Para quem já não se submete à Lei, portar ilegalmente uma arma e dispará-la contra quem quer que seja, será apenas mais um detalhe, cuja monta não será suficiente para influenciá-lo ou desencorajá-lo de agir. Nossas leis são risivelmente frouxas; nossa sociedade, que reclama da bala perdida e de ser assaltada na via pública, é a mesma que hipocritamente subvenciona o crime, consumindo drogas, comprando produtos roubados e permitindo aos criminosos canalizar uma parte do seu fabuloso lucro para a aquisição dessas poderosas armas ilegais cujos disparos, ao atingirem inocentes, enlutam todos os cidadãos de bem. Precisamos nos despojar de idéias que há anos vem norteando (quando não, influenciando) nossa maneira de enxergar questões da segurança pública. Nosso problema não são as armas de fogo, mas nas mãos de quem elas estão. Nos Estados Unidos, criminosos tem acesso a armamentos ainda mais poderosos do que aqueles encontrados com seus congêneres no Brasil. Qual a razão de nossos criminosos serem tão mais ousados e letais? Simples, aqui “a cana” não é tão dura quanto lá! Precisamos fazer com que os criminosos tenham a Polícia, se abstenham de usar abertamente seu armamento e temam apodrecer nas cadeias quando forem apanhados!
